

**A sociedade, o mito e o ciberespaço:
uma reflexão acerca da construção democrática nas redes**

*Society, myth and cyberspace:
a reflection on the democratic construction in networks*

Pedro Henrique RODRIGUES¹
Daniel Pala ABECHÉ²

Resumo

O presente artigo visa entender o uso do ciberespaço pela sociedade contemporânea a partir de sua história datada desde a pós-modernidade até o presente, local este que existe de forma virtual, paralelamente ao que conhecemos como espaço newtoniano, ou espaço real. O estudo parte dos conceitos de sociedade e liberdade ao trazer um paralelo entre a utopia da democracia global e o uso do espaço virtual como contracorrente democrática, na qual vem à tona a busca por retrocesso presente no discurso de seus usuários.

Palavras-chave: Sociedade. Liberdade. Democracia. Ciberespaço. Cibercultura.

Abstract

This article aims to discuss the presence of the contemporary subject in cyberspace, as well as the interactions guided by him in the postmodern condition in which he is inserted. The study starts from the concepts of society and freedom by bringing a parallel between the utopia of global democracy, in addition to weaving relationships and contrasts between cyberspace and Newtonian space. After discussing these premises, the approach is based on the criticism of the modus operandi of social networks, based on the uses of its social actors and the relationship with the myth and with the democratic construction itself in these networks.

Keywords: Society. Freedom. Democracy. Cyberspace. Cyberculture.

Introdução

O advento da internet e todos os seus imbricamentos possibilitam a atuação e expressão dos seus usuários em escala global. Ao exibir suas ideias e opiniões no

¹ Especialista em Comunicação Digital e E-Branding pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: ph.rodrigues@outlook.pt

² Professor doutor do Programa de Pós-Graduação Comunicação Digital e E-Branding da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: danielpala@gmail.com

ciberespaço, os sujeitos não só deixam suas marcas, como atraem seus semelhantes ao tecer conexões que dão volume e peso às suas vozes, gerando impacto em seus interlocutores.

O ciberespaço serve como um universo no qual novas redes de interação social surgem paralelamente ao espaço newtoniano³, ao gerar discussões e concepções que muitas vezes têm efeito fora do meio virtual, carentes de censura e de regras mais rígidas e definidas.

De acordo com o conceito proposto por Bauman (2001), no qual o homem necessita da sociedade para ser livre sem se igualar a uma besta, é preciso não só acompanhar, mas entender as motivações de determinados grupos, que agem na propagação de conceitos idílicos e saudosistas. Estes que trabalham na contramão de nossa liberdade e necessitam de diversos combinados sociais para simplesmente existirem.

No decorrer dos caminhos tomados pela sociedade através de sua história, é possível acompanhar um padrão comportamental nos desejos e anseios em cada período, seja no plano cartesiano ou virtual.

Este artigo pretende refletir sobre a percepção do ciberespaço pela sociedade contemporânea, no que tange a seu uso como contracorrente à utopia de uma esperada democracia global (LÉVY; LEMOS, 2010), que muitas vezes age de forma antidemocrática e refratária às mudanças tidas como necessárias para esta possível nova realidade, mais democrática globalmente.

Liberdade e sociedade

Na versão de Lion Feuchtwanger da *Odisseia* (*Odyseus und die Schweine: das Unbehagen na der Kultur*), em que Ulisses após ter seus homens transformados em porcos por Circe vai atrás do contrafeitiço, o autor sugere que os companheiros do herói se deleitavam com sua nova condição animal, na qual estão livres de obrigações e dos riscos da aventura em si. Ao capturar o marinheiro Elpenoros e convertê-lo em homem novamente, Ulisses se depara com a fúria de seu companheiro, que não fica contente em voltar a sua antiga condição.

³ Espaço cartesiano tridimensional no qual o tempo flui sempre em direção ao futuro.

Então voltaste, ó tratante, ó intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos ao perigo e forçar nossos corações sempre a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me ao sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: “O que devo fazer, isto ou aquilo?” Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes? (FEUCHTWANGER, 1950, apud BAUMAN, 2001, p. 28).

Elpenoros demonstra todo seu descontentamento ao retornar à forma humana e tornar a ser responsável por suas escolhas fora do corpo suíno. Do mesmo modo, seguem as massas sociais quando são convocadas a sair de sua alienação e reinventarem sua liberdade, mas por receio ou até desprezo às novas possibilidades se agarram ao território conhecido, impedindo o avanço e o ganho de novos direitos.

Apesar do distanciamento temporal que temos da última Grande Guerra e de suas consequências para o mundo contemporâneo, foi nesse período que também ocorreu o enriquecimento e desenvolvimento econômico no Ocidente, o que possibilitou a criação de uma sociedade mais rica, poderosa e com certa funcionalidade, mas que também tem seus anseios de agir mais livremente, sem maiores grilhões ou pudores, e se aprisiona justamente por ter acostumado sua grande massa com uma ideia frágil de bonança. Essa base é composta por cidadãos comuns que, constrangidos pelo medo das possíveis consequências da liberdade, se acanham e aceitam pequenos prazeres em possuir materialidades do que em ser e agir.

Faz-se necessário revisitar o que chamamos de liberdade e suas implicações. Amplamente discutida por diversos filósofos, a palavra tem origem no latim e frequentemente é aplicada para defender opiniões controversas e até mesmo antagônicas. Devemos recordar que a liberdade não é possível sem a atuação da sociedade e suas estruturas (BAUMAN, 2001). O homem não é totalmente livre em seu existir, pois está incumbido de obrigações, condicionamentos e consequências dentro do que lhe é apresentado no campo das escolhas. Apesar de contraditório, para se libertar ele deve se submeter à sociedade, do contrário torna-se como uma besta, isolada em suas limitações.

O indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação. Para o homem a liberdade consiste em não estar sujeito às forças físicas cegas; ele chega a isso opondo-lhes a grande e inteligente força da sociedade, sob cuja proteção se abriga. Ao colocar-se sob as asas da sociedade, ele se torna, até certo ponto,

dependente dela. Mas é uma dependência libertadora; não há nisso contradição (DURKHEIM, 1972, apud BAUMAN, 2001, p. 30).

Tais medos ganham corpo com a cultura de massa, subproduto da indústria cultural, que por meio do consumo define diversos grupos como apenas um grande organismo desengonçado, sem muita consciência do que pretende ou deseja, e o incentiva a meramente consumir tudo à sua volta, mesmo que isso não traga nenhum benefício, apenas uma mera abstenção da realidade. Motivados pela troca do ser pelo ter, rodeando-se de confortos que chegam pagos a troco de tempo e liberdade, um alto custo se comparado com o que se obtém como retorno.

Este novo modo de encarar a liberdade e a sociedade gera também uma hierarquia baseada em classes, qualificadas em seu poder de ter. Além de funcionarem como força motriz de todo o engenho, elas estimulam que os indivíduos que estejam abaixo dela também desejem subir e tenham a vontade de possuir e gerar, sucessivamente. Isto não só nutre uma falsa sensação de pertencimento como engessa seu contribuinte, tornando o ato de se libertar mais moroso e tortuoso.

Desse modo, se somos limitados a melhorar nosso redor simplesmente através do esforço de ter e o desejo de possuir, acabamos por ser ensinados que a causa e a responsabilidade pelas falhas ocorridas durante o percurso são nossas, que ninguém ou qualquer circunstância detém a culpa pelo nosso fracasso. A existência nesse clima de autodeprecação se torna insustentável, e este é um território fértil para o uso de bodes expiatórios e suportes coletivos invisíveis para a nossa culpa.

O nosso é um tempo de cadeados, cercas de arame farpado, rondas dos bairros e vigilantes; e também de jornalistas de tabloides “investigativos” que pescam conspirações para povoar de fantasmas o espaço público funestamente vazio de atores, conspirações suficientemente ferozes para libertar boa parte dos medos e ódios reprimidos em nome de novas causas plausíveis para o “pânico moral” (BAUMAN, 2001, p.53).

Portanto, liberdade nessa perspectiva investigativa se instaura como um lugar de possibilidades no qual o sujeito abandona fatores que dificultam seu avanço em sociedade, como certas regras e comportamentos que devem ser cumpridos e performados por determinadas castas de pessoas.

A sociedade, que a essa altura se move cada vez mais lentamente, já que seus principais atores estão comprimidos sob o peso e as obrigações do ter, e ainda vivem em um mundo de desconfiança contínua, passa a conhecer as ideias de Henry Ford⁴, que não apenas modificou o modo de produzir, mas revolucionou as correntes que envolvem as pessoas em suas inquietações. Por meio de dinheiro e publicidade, Ford convence seu público consumidor e seus próprios trabalhadores de que o ato de possuir é real e que todo esforço e tempo dedicado a produzir gera renda suficiente para esse trabalhador comprar o fruto de sua própria produção, perpetuando um ciclo danoso de consumo e incentivando a estagnação de quem produz.

Este cenário é o mais propício para a propagação de inverdades, que não só aumentam o medo de se libertar como mitigam as tentativas que surgem no decorrer do caminho. Se em um lado temos a realidade, que nos impele a continuar no ciclo de esforço do ter, no outro temos a própria organização social que desencoraja a libertação e faz o indivíduo sucumbir diante da autodeprecação e culpa pelo que lhe acontece. Sair desse ciclo é se dirigir ao desconhecido, igualmente intimidador, o que desencoraja as expedições em *terra incognita*. É como velejar entre Cila e Caríbdis, temendo ser despedaçado pelas muitas bocas de um ou engolido pela garganta abissal do outro.

O barco, que transporta uma massa social apática e estagnada, que tem medo de mudar, de correr o risco de se liquefazer e que terá que se reinventar socioeconomicamente, é o agente ideal para causar danos severos a todo o sistema social e democrático. Ansiando pelo retorno de tempos idílicos, nos quais se posicionaria de forma mais sólida e confortável, alimenta o desejo de viver em um tempo mítico, com menos obrigações e atitudes, em que a sociedade mais verticalizada dava ordens de forma clara, apesar de os seus fins serem muitas vezes nebulosos.

Nessa realidade, não só as escolhas se tornam limitadas como o próprio sistema caminha por uma rota restrita, na qual o direito de escolha se mostra efêmero e a direção que essa nova sociedade toma vislumbra um futuro infrutífero.

⁴ Empreendedor estadunidense precursor da linha de montagem em série, artifício que potencializava e barateava a produção.

Cibercultura: voz, espaço e velocidade para atores pós-modernos

Com a internet as pessoas que têm condições técnicas e financeiras adentram o que chamamos de ciberespaço, que é uma espécie de realidade paralela e não delimitada fisicamente que possibilita novos tipos de relações e formas de se comunicar. Permite que pessoas conversem sem se preocupar com os limites geográficos antes impostos e, assim, compartilhem ideias e pensamentos que proporcionam crescimento e um aprimoramento mais homogêneo e justo globalmente (LÉVY; LEMOS, 2010).

No entanto, os planos físico e virtual se cruzam vez ou outra, por conta dos acontecimentos que ocorrem em ambos. Neste cenário, em que se vive o mal-estar social acumulado por décadas de pressão, nas quais os indivíduos deveriam produzir para ter, e aparentar para poder ser, seus atores se permitem agir de forma desordenada, desfrutando da amplitude do novo espaço para frutificar seus desejos, sem os limites e regras que o aprisionavam na realidade newtoniana. No meio virtual o usuário encontra não somente um local onde fixar suas ideias, mas também um meio para disseminá-las e até mesmo somar sua voz à de iguais, de forma abrangente, criando nichos sociais regradados por pensamentos comuns, velocidade e visibilidade.

Essas novas relações sociais ganham tons, pois soma-se a capacidade humana de utilizar a linguagem para se comunicar com a celeridade do ciberespaço, onde se conversa simultaneamente com mais indivíduos do que se era capaz anteriormente, tudo isso sem precisar de grandes estruturas ou investimentos, valendo-se apenas de uma tela e conexão com a internet.

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura. Hoje podemos dizer que uma verdadeira estética do social cresce sob nossos olhos, alimentada pelas tecnologias do ciberespaço. (...) as novas tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social (LEMOS, 2004, p.15-16).

Nesse plano virtual, os usuários tendem a copiar estruturas sociais já conhecidas, ao criar comunidades e relações com aqueles que compartilham dos mesmos pensamentos, objetivos e estilo de vida, e segregar outras pessoas da mesma forma com

que é feito no mundo físico. Indivíduos passam a engrossar suas vozes conforme conhecem e comungam com outros membros que validam seus ideais e, assim, também criam novas autoridades no universo cibernético, no qual sua relevância aumenta no mesmo ritmo em que seus textos são compartilhados e aceitos como versões da realidade.

A partir do pensamento que se busca construir neste estudo sobre sociedade e liberdade, o ciberespaço pode servir como um reflexo distorcido dos desejos e anseios do cidadão que continua em sua gana por ter, só que agora possui um local onde pode vivenciar a experiência de *ser* sem necessariamente *estar*, em uma posição privilegiada no plano tido como real.

Os indivíduos que exploram mais rapidamente essas novas possibilidades conseguem tirar vantagens por engajar prematuramente outras pessoas nesse território a ser descoberto, valendo-se da alta velocidade com que seu discurso pode ser propagado no ciberespaço. Desse modo, tornam-se verdadeiras autoridades para outros usuários, sem necessariamente ter qualquer comprometimento com a verdade naquilo que compartilham, crescendo através de números, apropriação e rapidez.

Esta pode ser uma grande ferramenta de subversão dos desejos de muitos, que conduz massas de usuários de tamanho proporcional ao que sua imagem e autoridade representam para eles. Devido ao maior alcance e à agilidade espantosa com que suas falas se propagam no meio cibernético, os indivíduos mais articulados podem trabalhar para a desconstrução de tudo aquilo que eles não aceitam em sua realidade física, e utilizar isso como uma arma que lhes permite não somente distorcer os fatos, mas também cativar outros membros a aceitar ideias que não eram conhecidas ou que não vinham ao encontro de suas existências, servindo unicamente aos interesses daqueles que as propagaram inicialmente.

Tendemos a ver os efeitos nefastos das tecnologias em sua interface com a cultura, com a vida social, com a política. A associação de uma tecnologia eletromecânica apoiada no paradigma newtoniano a uma imposição racionalista da vida social revelou o lado obscuro e mesmo conspiratório das tecnologias (controle social, poluição, isolamento). A modernidade se caracterizou por uma conjunção de fatores: por uma dominação técnica do social, por um individualismo exacerbado, por um constrangimento social exercido por uma moral burguesa e uma ética da acumulação, por uma abordagem racionalista do mundo (LEMOS, 2004, p.16).

O que possibilita esse encontro no ciberespaço são os chamados *websites*, que funcionam como logradouros para ideias e pensamentos de seus usuários, nos quais se navega em busca de diversos tipos de informação, seja para conhecimento ou entretenimento. Nesse espaço, existem sites criados especificamente para as relações sociais, que garantem a visibilidade e o engajamento dos seus membros. Conhecidas como redes sociais, é nesse espaço digital que os discursos correm mais livremente entre os usuários, que se conectam como raízes em um grande emaranhado virtual, através de perfis pessoais nos quais criam representações que podem ou não refletir a realidade em que vivem no plano físico.

Conforme as pessoas se acostumam com a existência de um plano paralelo ao real, onde é possível aprimorar suas experiências ampliando suas ferramentas e os meios com que as utilizam, o mundo digital passa a transacionar junto ao real. Ao redigir opiniões, criar conteúdo ou até mesmo compartilhar aquilo que já havia sido posto, os usuários passam a afetar a forma com que o plano real funciona, pois o ciberespaço também pode ser utilizado como uma extensão do mundo físico.

Neste cenário diversas possibilidades podem ser tecidas, porém iremos nos deter naquelas relacionadas às esferas políticas e democráticas. Diferentemente do que Lévy e Lemos (2010) previam, a realidade não é positiva e nenhuma democracia global foi fixada desde que a internet se tornou comum à maioria do globo. Os usuários criaram uma sociedade paralela, com regras semelhantes em seu modo de se organizar, mas com pesos e medidas diferentes, permitindo emergir e ter voz outros indivíduos que antes não a tinham, eleitos por regras não muito claras que surgem de fórmulas cada vez mais difíceis de compreender.

O ciberespaço dá visibilidade não apenas àquilo que é factual, mas também ao que é mais compartilhado e aceito pelos usuários, que conseguem dentro do funcionamento dessas redes impulsionar a versão que melhor agrada. A veracidade dos conteúdos passa a ser questionada, já que a verdade também se torna efêmera nesse meio, e até mesmo fatos históricos começam a ser relativizados. Nestas conjecturas instáveis e em constante transformação, discursos que poderiam servir à idealização otimista de Levy competem com aqueles que trabalham em sua contramão.

Manipular as massas inseridas no ciberespaço, nessa ótica negativa, depende unicamente de alcance e rapidez. Disseminada a informação, ela passa a tomar novas proporções e adquirir força, seja verdadeira ou não – é como se o operário de Ford de

repente se esquecesse da exaustão do trabalho e até duvidasse da existência de tal sentimento; ou ainda, como se Elpenoros culpasse Ulisses e não Circe por sua forma suína e todos os riscos proporcionados. A relativização dos acontecimentos, no intuito de mudar o curso do presente, passa a ser praticada nas redes sociais, favorecendo o discurso que se apresente primeiro e que seja mais simples e palatável.

Entre as informações reais e irrealis, surgem também os atores que não necessariamente terão qualquer comprometimento com a realidade. A possibilidade de criar uma nova versão de si é real, assim como todas as consequências desse ato. Nessa liberdade criativa, o usuário pode dar forma a todas as suas opiniões e anseios, mesmo àqueles que não podem ser expressos em sua realidade, seja por regras sociais ou outros pudores. Assim, uma faceta mais atraente do próprio usuário, um simulacro de si, é forjado, e através dele é possível utilizar sua influência para contaminar aqueles com quem está ligado, encorajando-os a fazerem o mesmo, seja verbalizando discursos que não fariam normalmente ou defendendo posições que só tinham em seu íntimo e que, por receio de retaliações e punições, acabaram suprimindo.

O pensamento baudrillardiano é aquele do excesso: quanto mais trocamos informações, menos estamos em comunicação. Trocamos o real pelo hiper-real, a verdadeira comunicação por sua simulação. Estaríamos diante de uma encefalação eletrônica, onde o real desaparece com a instituição do seu simulacro (LEMOS, 2004, p.72).

Conseqüentemente, outras esferas no bioma social acabam sendo atingidas, pois, ao controlar um avatar que possua grande projeção e velocidade, consegue-se ao desferir opiniões causar efeitos no plano real, independentemente de suas consequências, permitindo inclusive a execução de crimes e violências que são combatidos com maior dificuldade, já que o autor em si muitas vezes é difícil de localizar; nesta seara, surgem também os discursos de ódio e as informações falsas para manipulação.

Esses sintomas se agravam quando aproximados de eventos necessários para a manutenção da sociedade, como, por exemplo, a escolha de lideranças. Muitas nações elegem seus representantes de forma democrática, por meio do voto direto, e a divulgação dos candidatos e suas ideias é feita de forma regulamentada, para se manter a equidade. Porém, devido à elasticidade do ciberespaço surge o oportunismo, que se instaura na dificuldade de elaboração de novas regras que consigam acompanhar as

mudanças dessas redes. Desse modo, confunde-se o interlocutor que esteja desavisado dificultando sua escolha por representatividade.

Essa forma de manipulação vai ao encontro de desejos individuais, em que o sujeito pretende por meio da dissimulação conduzir seus pares a realizarem escolhas que o beneficiem. Seja diretamente, por meio de ganhos pessoais, ou meramente para estar de acordo com o que o autor da ideia tem como certo e ideal. A sociedade pós-moderna continua carregada de idealizações, tendo trabalhado pouco para a dissolução de problemas antigos, como a luta de classes ou a segregação de estranhos. Aprende-se desde cedo os passos a serem seguidos e as consequências sofridas, e quando isso é levado para o ciberespaço tais informações se enviam pela linha do tempo e dificultam a compreensão. Torna-se árduo o processo de elencar prioridades quando não se sabe em que presente nos encontramos.

Ao seguir essa linha de raciocínio, não é de se surpreender que a sociedade continue a perseguir modelos antiquados de pureza e ordem, não somente para coisas, mas também para outros seres humanos. Vivem ainda uma realidade em que o *ter* continua como prioridade, e o *ser* está sob o agir – tudo isso agora potencializado e divulgado de forma horizontal através do ciberespaço, que penetra em todas as camadas sociais já que as classes funcionam de modo diferente nesse novo plano. A confusão se dá não apenas por não se conhecer a verdade, mas também por não se ter consciência de onde pertencer, já que o ir e vir social ao menos virtualmente é efêmero.

Mesmo depois de passar por várias transformações, a sociedade ainda que digitalizada simula seus guetos, para agrupar os indivíduos de acordo com seus iguais. Porém, como o ciberespaço não possui comprometimento com a realidade, membros que estejam em castas sociais mais baixas podem ascender com seus personagens, desde que se adequem aos modelos eleitos e deem continuidade à segregação de outros, ainda que essa segregação inclua seus iguais e até mesmo o *seu* lugar real na sociedade newtoniana. A busca pelo puro e ordenado continua, agora com o auxílio dos mesmos proscritos, que surgem disfarçados e condenam o diferente, na ânsia de manter o disfarce.

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares *diferentes* dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da *ordem* – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza

sem ter a imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes” – que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade. O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “fora do lugar” (BAUMAN, 1997, p.14).

Ao criar um avatar mais forte para si, o usuário, que não tinha espaço ou ainda não se encaixava socialmente no plano de Newton, nota o resultado e a comoção causada ao desferir opiniões e fomentar discussões junto a seus vários apoiadores virtuais. Nessa ciranda de poderes ilusórios, acaba conduzindo outras pessoas a tomarem decisões e declararem apoio mesmo a ideias que condenariam em seu dia a dia. Os efeitos do virtual e real se cruzam, mas a consciência nos dois planos se mantém apartada.

O mito narcísico e uma legião de imbecis

Inspirados e encorajados a tomar para si os espaços virtuais, diversos usuários avançam impunemente em um cenário no qual falam, compartilham e engajam-se em temas que muitas vezes beiram a desconstrução da realidade que desfrutam. É como se trabalhassem contra os direitos que conquistaram desde a saída dos mais remotos sistemas de classe para uma simulação tão desigual e perversa quanto.

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito de fala que um ganhador do Prêmio Nobel (ECO, 2015).

A fala do intelectual Umberto Eco ilustra bem a notoriedade que os discursos ganham nessa tela virtual, e a projeção que os iguala a autoridades antes tidas como referência. Em meio a essas falácias, assuntos como ditadura, genocídio, preconceito são relativizados de modo a ser mais agradável para quem está redigindo o texto, em uma tentativa desonesta de diminuir a gravidade de momentos cruciais de nossa história. É como se relatos do holocausto e outros pontos semelhantes na narrativa da crueldade humana fossem recontados de modo a suavizar os fatos, seja para não chocar ou agredir, seja para ocultar ou ainda tornar mais palatáveis tais informações a quem venha a conhecê-las, ou ainda para dissimular a realidade no intuito de mascarar

manobras que se assemelham nesses eventos, a fim de proteger seu curso de eventuais intervenções vindas dos mais cautelosos.

As notícias, decisões, falhas e tudo mais que acontece no plano físico quase que imediatamente saltam para o ciberespaço e provocam uma legião de pessoas a argumentar, compartilhar ou simplesmente reproduzir falas na busca por notoriedade. Junto dessas oportunidades surgem novos termos para designar certos comportamentos como FOMO (*fear of missing out*, ou o medo de perder o que está sendo compartilhado) e o seu oposto JOMO (*joy of missing out*, ou o prazer em se desconectar do ciberespaço), efeitos provocados pelas novidades tecnológicas que surgem e requerem cada vez mais do tempo do seu usuário.

No mesmo sentido, para Paul Virilio, as novas tecnologias do tempo real, do ao vivo (*live*), estabelecem uma institucionalização do esquecimento (*industrialization de l'oubli*), já que elas requerem respostas imediatas, não privilegiando a reflexão, o debate ou mesmo o exercício da memória (LEMOS, 2004, p.72).

Certos hábitos que já existiam no plano newtoniano ganham nova roupagem e cargas de ansiedade, já que o medo de perder está conectado com o antigo desejo dos 15 minutos de fama (evocando a célebre frase de Andy Warhol⁵), no qual os usuários usam das novas plataformas para trazer os holofotes para si, e quando o conseguem tentam manter a todo custo a atenção recebida (ABECHE, 2019). Na contracorrente, temos a felicidade de poder se isolar desses acontecimentos virtuais, preferindo o plano material, talvez uma versão do desejo de subverter o caminho ao qual a sociedade nos impele, mesmo que somente no modelo cibernético.

Sob o viés democrático da cibercultura, o sujeito encontraria, sem precedentes históricos, a oportunidade de se comunicar sem a presença de intermediários, com uma liberdade ímpar e, desta maneira, como nenhuma outra anterior, conquistar reconhecimento neste canal (ABECHE, 2019, p.56).

Ao sustentar discursos dignos de um “cale a boca”, diversos usuários encontram conforto ao conhecer seus iguais e se perceber muitas vezes em um grande número. É como se seus medos, ignorâncias e até mesmo imbecilidades sofressem metástase gerando uma grande disforia social e coletiva. Esse comportamento se agrava nos

⁵ Pintor e cineasta norte-americano, figura maior do *pop art*.

momentos em que se tem acontecimentos importantes do plano real, como por exemplo eleições, nas quais observamos que o número de falas inflamadas aumenta e cria uma grande cortina de fumaça, que não só dificulta a busca pelo factual, mas se torna território fértil para o fomento de inverdades.

No Brasil, podemos citar as eleições de 2018, em que diversos usuários das redes utilizaram o espaço para promover seus candidatos, muitas vezes com inverdades e posicionamentos duvidosos. Isso mostra de forma evidente a falta de consciência de classe que o ciberespaço pode gerar, já que muitos usuários não se percebem fora dos discursos que defendem. Neste cenário, durante todo o período eleitoral, pudemos perceber movimentos separatistas, xenofóbicos, misóginos, entre outros, advindos também de parcelas afetadas por tais falas. Trata-se de uma outra versão do desejo por notoriedade, do seguir a multidão para ter sua opinião validada.

Os seguidores somam capital de poder simbólico para o usuário, e cada seguidor conquistado recebe algum tipo de reconhecimento, pois cada ato deste é comemorado pelo seguido. A cada novo seguidor aumenta-se o número de seguidos, o que os aproxima dos signos de valores mais altos. A cada novo usuário, que colabora para o aumento do número final de seguidores, a sensação de reconhecimento do indivíduo cresce proporcionalmente e este, em troca, reconhece como importante cada novo “assinante” (ABECHE, 2012, p.63).

O usuário encorajado pelo coletivo acaba por acatar, dar voz e engrossar esse caldo cultural disfórico que cresce vertiginosamente e busca em meio às redes um lugar para se sentir acolhido. Sente-se, portanto, à vontade para desferir impropérios que faziam sentido antes de toda a digitalização trazer à tona fatias da sociedade que sua ignorância não permitia conhecer. Décadas de evolução social perigam vir abaixo conforme discursos cada vez mais radicais e incompatíveis com a heterogeneidade da sociedade avançam e ganham força. O ciberespaço, diferentemente do que Levy ansiava, mostra uma face na qual o reconhecimento individual suplanta o bem-estar coletivo e evoca regras passadas.

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de

emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema (LEMOS, 2004, p.87).

Cabe aos usuários que não concordam com esse tipo de prática evidenciar os enganos aí presentes e esclarecer as informações conflituosas. É um chamado para fora da caverna, como na alegoria de Platão feita há muitos séculos. Desmantelar as mentiras, encorajar a pluralidade e a discussão de ideias são fundamentais para desbaratar o mau uso das redes. A revolução esperada pode advir do plano virtual, quebrando as barreiras que o separam do real, e cabe à parcela da sociedade que resiste ao retrocesso se posicionar para combatê-lo, fazendo uso de todas as ferramentas cabíveis.

Conclusão

Diferentemente do que Lévy e Lemos (2010) projetaram que aconteceria quando previram uma união global, podemos notar um caminho muitas vezes inverso sendo traçado: a sociedade goza de liberdade, porém a utiliza para reivindicar a perda de direitos conquistados desde muito antes do advento da internet.

Ao refletirmos sobre os resultados obtidos e nos debruçarmos sobre o avanço da sociedade no ciberespaço, vemos que vários dos mesmos problemas que já ocorriam no plano físico se repetem com uma nova roupagem e organização. Mas, como definir se o uso do ciberespaço está certo ou errado, quando não havia nenhuma regra que definisse a cláusula democrática?

É possível notar a falta de referências a serem seguidas, encorajando a rumar para um caminho sem respeito e fértil para a criação de ídolos cada vez mais monstruosos, que prometem o idílico paraíso, mas ocultam a verdadeira bocarra do mito, quando não nos encaixamos nos requisitos definidos.

Em uma visão pessimista, percebemos-nos como os marujos de Ulisses, com o agravante de que sabemos quem é Circe e o que nos espera. Temos a vida suína, sem obrigações e com os prazeres mundanos, que nos é dada ao preço de abrir mão de nossas escolhas, dignidade e de estar sempre abaixo de alguém nessa cadeia alimentar social.

Talvez conclusão não seja a palavra mais adequada nesse momento, mas *construção* poderia melhor servir a todos. No ciberespaço ilimitado, cabe àqueles que conhecem ou percebem os percalços da vida, àqueles que têm boa memória, servir como paladinos da ideia de Levy, não em sua forma utópica, mas no sentido que nos garante ao menos ter a escolha de ser, em detrimento do ter.

Referências

ABECHE, Daniel Pala. **Cibercultura, visibilidade mediática e crítica da comunicação**: o sujeito na rede e o consumo da música no ciberespaço. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et simulations**. Paris: Galilée, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ECO, Humberto. “6 ideias memoráveis do escritor Umberto Eco sobre redes sociais e tecnologia” 19 fev. 2016, Disponível em:
<<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>> Acesso em 03 nov. 2018.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2. ed., 2004.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibernética. São Paulo: Paulus, 2003.

VIRILIO, Paul. **Esthetique de la disparition**. Paris: Galilée, 1989.